25- “CUIDADO É COISA DE MULHER”: IMAGINÁRIOS SOBRE MATERNIDADE EM POSTAGENS DO FACEBOOK

Gustavo Renan de Almeida da Silva
João Paulo Sampaio
Carlos Del Negro Visintin
Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar imaginários coletivos sobre maternidade, a partir da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Organiza-se como uma pesquisa qualitativa e empírica, com o uso do método psicanalítico, que utilizou, como material, todas as 317 publicações postadas no ano de 2016 na página “Depressão pós-parto e maternidade”, da plataforma Facebook, por entender a depressão pós-parto como artificio metodológico privilegiado na busca de conhecimento compreensivo que subsidie a clínica psicológica da maternidade, da família e do cuidado. A consideração psicanalítica do material, em estado de cultivo de atenção flutuante e de associação livre de ideias, permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional, o qual intitulamos de “Cuidado é coisa de mulher”. Tal campo organiza-se ao redor da crença de que as atividades de cuidado, aí incluída a maternidade, são melhor realizadas quando assumidas por mulheres. Esse campo maior contém dois subcampos: “Nasci para cuidar” e “Cuidando sou feliz”. O quadro geral indica que o cuidado não é visto como esforço e trabalho, o que permite que seja invisibilizado e desvalorizado, tornando-se, desse modo, causa de sofrimentos sociais, que atingem as mulheres, e de empobrecimento da vida afetivo-emocional dos homens, na medida em que seguem afastados de importantes esferas da condição humana.

Palavras-chave: Gênero, Cuidado, Depressão pós-parto, Imaginário coletivo, Método Psicanalítico.

O problema de pesquisa

Quando focalizamos a questão do cuidado, de modo geral, âmbito do viver em que se insere a maternidade, percebemos que esse parece estar, na contemporaneidade, imaginado como responsabilidade exclusiva de mulheres e mães (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2019). Contudo, interessantes contribuições antropológicas, como as de Gottlieb (2012), Gottlieb e DeLoache (2016), Rogoff (2003) e Badinter (2012), tem indicado, de modo rigoroso, que o arranjo predominante, em termos de divisão de trabalho entre os gêneros, corresponde a uma produção social. Nessa linha, Scavone (2001) lembra que a maternidade, em sociedades androcêntricas, como a nossa, configura-se como um importante organizador social, o que explica que continue sendo compreendida como obrigação biologicamente fundada das mulheres.

Não obstante, como bem demonstrado por Gottlieb (2012), a antropologia da maternidade revela que as experiências de cuidado com crianças podem ser diversas. Como fenômeno social, essa está engendrada a fatores como etnia, classe social e idade, o que compõe experiências sempre singulares (Mattar & Diniz, 2012). Assim, para longe de postulações acerca de uma natureza feminina, aproximamo-nos, com Politzer (1928/2004) e Bleger (1963/2007), de compreensões acerca da vida humana como biografia. Dessa forma, não seria forçosa a consideração de que, embora a experiência da maternidade possa trazer o desenvolvimento de potencialidades, essa também pode ser causa de sofrimentos clinicamente significativos, como bem indicado em Aching e Granato (2016).

Além disso, a divisão de trabalho entre homens e mulheres (Federici, 2019) encontra-se na base de sofrimentos sociais que não raro são reduzidos a conflitos conjugais e familiares. Sofrem não apenas as mulheres, muitas vezes sobrecarregadas e não reconhecidas, como quem convive com as mesmas, por essas estarem irritadas e/ou deprimidas em função do panorama descrito. Sofrem também os homens, em virtude de se manterem afastados das atividades de cuidado propriamente ditas, que são parte integral do modo humano de ser.

Entretanto, vale lembrar que vivemos um período de mudanças culturais importantes, no contexto do qual surgem novas configurações familiares e propostas, oriundas do pensamento feminista, que visam outras formas de relacionamento entre todas as pessoas (hooks, 2000/2017). Desse modo, parece-nos absolutamente

oportuno o desenvolvimento de estudos sobre a maternidade que é, provavelmente, a matriz a partir da qual se pensam as práticas de cuidado em geral.

Sendo assim, tencionamos, com esta pesquisa, investigar imaginários coletivos sobre maternidade, entendendo-os como ambientes dramáticos pelos quais indivíduos e coletivos transitam. Para isso, nos valeremos da psicologia psicanalítica concreta, isto é, da consideração do drama humano como um fenômeno concreto, inserido em seus contextos macrossociais.

Considerações metodológicas

Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa e empírica, com o uso do método psicanalítico. Visando atender as demandas epistêmico-metodológicas de Politzer (1928/2004) e de Bleger (1963/2007), organizamos o método psicanalítico em procedimentos investigativos, sendo esses de seleção, registro e interpretação do material de pesquisa.

Visando atender ao procedimento investigativo de seleção do material, buscamos, no Facebook, o termo “depressão pós-parto”, sem o uso de aspas. Devido à baixa periodicidade e número de publicações da primeira página resultante dessa busca, optamos pelo segundo resultado, isto é, a página “depressão pós-parto e maternidade”, cujas publicações do ano de 2016, num total de 317, constituem o material desta pesquisa.

Aqui cabe, mesmo que rapidamente, uma pequena explicação sobre o uso do termo “depressão pós-parto”. Valemos deste como um artificio metodológico, a fim de chegarmos a um material no qual se evidenciava o sofrimento emocional de mães, considerando devidamente temores, medos e ansiedades relativos a este quadro psicopatológico na nossa sociedade. Deste modo, inspirados no trabalho de Visintin e Aiello-Vaisberg (2017), não tomamos a depressão pós-parto nem como objeto de estudo, tampouco como problema de pesquisa. Tomamo-la, na verdade, como meio.

Uma vez que conteúdos virtuais podem ser deletados sem aviso prévio, transcrevemos todas as publicações em um documento a parte, tal como surgiram. Com isso, cumprimos o procedimento investigativo de registro do material.

Em seguida, entramos em contato com essas publicações, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, registrando os impactos em nós

suscitados por esse encontro. Tomando as palavras de Herrmann (1979/1991) como guias da interpretação psicanalítica, ou seja, “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”, tal material foi considerado em âmbito do grupo de pesquisa, a fim de cumprir o procedimento investigativo de interpretação do material, isto é, a criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocional, resultados da nossa pesquisa.

Por fim, cessamos o uso do método psicanalítico e realizamos um trabalho dialógico-reflexivo dos campos criados/encontrados, ou seja, tecemos interlocuções reflexivas desses resultados com a teoria de outros autores, buscado produzir conhecimento compreensível sobre o tema estudado.

Interpretação e interlocuções

A consideração psicanalítica do material permitiu a produção interpretativa de um campo de sentido afetivo-emocional, o qual intitulamos de “Cuidado é coisa de mulher”. Tal campo organiza-se ao redor da crença de que as atividades de cuidado, aí incluída a maternidade, são melhor realizadas quando assumidas por mulheres.

Esse campo contém dois subcampos. São estes: “Nasci para cuidar” e “Cuidando sou feliz”.

O primeiro subcampo, “Nasci para cuidar”, é aquele que se organiza ao redor da crença de que a capacidade de cuidar da mulher é determinada natural e biologicamente. Como se vê, trata-se de imaginário que paga pesado tributo ao mito do ser humano natural, abstrato e isolado das condições concretas da vida social que, de acordo com Bleger (1963/2007), conspiram contra a percepção de que a maternidade é uma produção cultural, que o cuidado das novas gerações pode ser organizado de múltiplas maneiras e que, por consequência, pode ser melhorado no sentido de se tornar cada vez mais coerente na busca de formas mais éticas, solidárias e respeitosas de exercê-lo.

O segundo subcampo, “Cuidando sou feliz”, é aquele que se organiza ao redor da crença de que a mulher alcança plena realização de seu destino biológico quando exerce diretamente atividades de cuidado. Trata-se de crença que deriva diretamente da primeira, mas que como que a ornamenta, na medida em que enfatiza ganhos do cuidador. Cumpre, por outro lado, a função de desobrigar os próximos de gestos de

reconhecimento e gratidão, na medida em que a mulher estaria obtendo vantagens ao cuidar do filho.

O campo de sentido afetivo-emocional aqui criado/encontrado, bem como os subcampos, indicam, a nosso ver, que podemos observar, na sociedade brasileira, uma organização binária e sexista dos cuidados, embora reconheçamos que tenham ocorrido avanços com o advento dos movimentos feministas (Maux & Dutra, 2009; Vásquez, 2014). Em outras palavras, encontramos, no material, que a mulher continua sendo concebida e cobrada pelo cuidado do bebê, de outrem e do lar, ao passo que aos homens é delegado o espaço de provedor, ausente e distante dos assuntos que tangem ao mundo privado.

Esse imaginário acaba por impactar não apenas mulheres, mas a população de modo geral, visto que não concebe o cuidado enquanto uma capacidade humana, recorrendo a abstrações que o naturalizam como feminino, contribuindo para mascarar as condições concretas de vida e perpetuar relações de desigualdade e opressão (Aiello-Vaisberg, 2017).

Assim, à luz de autoras como Butler (2003), podemos pensar que gênero seria a repetição de atos performativos, cujo modelo não existe um original. Em outras palavras, ao reproduzirmos cotidianamente que mulheres são sexualmente comedidas, dóceis, belas e naturalmente preparadas e desejantes de serem mães, enquanto homens são reduzidos a meros provedores e parceiros sexuais (Zanello, 2018), damos aparente estabilidade ao o que corresponderia a cada gênero.

Contudo, submeter-se às referidas normas impactaria diretamente a criatividade e espontaneidade das pessoas, ou seja, o que entenderíamos, com base no pensamento de Winnicott (1971/1975, 1956/1978, 1963/1983), como sua própria saúde mental. Com isso, gostaríamos de salientar que a submissão às normas de gênero acaba por afetar a sociedade de modo geral, não apenas mulheres e mães, mas também filhos, homens, pessoas transgênero e todos os demais.

Enfim, podemos pensar que o cenário supracitado afeta não apenas a organização social e as relações familiares e interpessoais (Borsa & Nunes, 2011), mas a própria saúde mental das pessoas. Portanto, esperamos, com esse trabalho, fornecer conhecimento compreensivo sobre o tema, visando contribuir com subsídios para intervenções psicoterapêuticas e psicoprofiláticas, assim como para debates sociais, em prol de uma sociedade equitativa em relação as condições de gênero, que não onere as mulheres com as responsabilidades do cuidado.

Referências

Aching, M. C., & Granato, T. M. M. (2016). The good enough mother under social vulnerability conditions. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 15-24.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento socia. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62.

Badinter, E. (2012). *The Conflict: Woman and Mother*. Melbourne: The Text Publishing Company.

Bleger, J. (2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1963).

Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.

Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.

Gottlieb, A. (2012). *Tudo começa na outra vida*. São Paulo: Unifesp.

Gottlieb, A., & DeLoache, J. S. (2016). *A World of Babies: Imagined Childcare Guides for Eight Societies*. Reino Unido: Cambridge University Press.

Herrmann, F. (1991). *O Método Psicanalítico*. São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1979).

hooks, b. (2017). *El feminismo es para todo el mundo*. Madrid: Traficantes de Sueños (Original publicado em 2000).

Mattar, L. D., & Diniz, C. S. G. (2012). Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 16(40), 107-120.

Maux, A. A. B., & Dutra, E. (2009). Do útero à adoção: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(2), 113-121.

Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a psicologia e a psicanálise* (M. Marcionilo e Y. M. C. T. da Silva, Trad.). Piracicaba: Editora Unimep. (Original publicado em 1928).

Rogoff, B. (2003). *The Cultural Nature of Human Development*. London: Oxford University Press.

Scavone, L. (2001). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.

Cadernos Pagu, (16), 137-150.

Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2019). A experiência emocional de autoras de mommy blogs. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 107-130.

Vásquez, G. (2014). Maternidade e feminismo: notas sobre uma relação plural. *Revista Trilhas da História*, 3(6), 167-181.

Visintin, C. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e Sofrimento Social em Mommy Blogs Brasileiros. *Revista Psicologia*: Teoria e Prática, 19(2), 98-107.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (1978). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. (D. Bogomeletz, Trad.) Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (I.C.S. Ortiz, Trad.) Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1963).

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.* Paraná: Editora Appris